Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

CAZAQUISTÃO

AFP



O presidente Kassym-Jomart Tokayev discursa em rede nacional: tentativa de demonstrar controle da situação

Ministério da Defesa da Rússia/AFP



Caminhões do Exército russo aguardam momento de entrarem em aviões cargueiros para viagem até a ex-república soviética

Alexandr Bogdanov/AFP



Veículo incendiado em frente a prédio administrativo no centro de Almaty: desordem generalizada e choques com a polícia

Licença para matar

Presidente Kassym-Jomart Tokayev descarta negociar com "terroristas" e autoriza militares a dispararem contra manifestantes, "sem aviso". Revolta teve início no domingo, após alta no preço do gás. Tropas da Rússia reforçam a segurança da ex-república soviética

» RODRIGO CRAVEIRO

A mensagem, publicada no Twitter, reforçou o tom de enfrentamento acenado durante o pronunciamento à nação, mais cedo. "Eles estavam espancando e assassinando policiais e jovens soldados, incendiando prédios administrativos, saqueando locais privados e lojas, matando cidadãos seculares, estuprando mulheres. Em minha visão básica: sem conversa com os terroristas, devemos matá-los", escreveu o presidente do Cazaquistão, Kassym-Jomart Tokayev.

No discurso televisionado em rede nacional, Tokayev foi explícito. "Eu dei ordens às agências de aplicação da lei e ao Exército para, onde for necessário, abrirem fogo sem aviso prévio", declarou. "Que tipo de negociação pode ocorrer com criminosos e assassinos? Tivemos que lidar com bandidos armados e treinados, tanto cazaques quanto estrangeiros. Eles devem ser eliminados, e isso será feito em breve", acrescentou.

Em seu pronunciamento, Tokayev advertiu que "a democracia não significa permissividade, nem incitamento, inclusive na blogosfera (internet), a ações ilegais". Em Almaty, a maior cidade do Cazaquistão e capital econômica, com 1.185.900 habitantes, corpos crivados de balas foram abandonados pelas ruas, em meio a carros carbonizados e destroços. A ex-república soviética enfrenta um levante popular sem precedentes, deflagrado pela alta no preço do gás. Ontem, forças russas desembarcaram no país para ajudar na repressão e para proteger os prédios públicos, invadidos nos últimos dias.

> **Em minha visão básica: sem conversa com os terroristas, devemos matá-los"**
>
> ***Kassym-Jomart Tokayev, presidente do Cazaquistão***

"Criminosos"

O Ministério do Interior do Cazaquistão anunciou, ontem, que 26 "criminosos armados" foram mortos e 18 ficaram feridos desde o início dos protestos. A pasta assegurou que "todas as regiões do país" estão "liberadas" e "tomadas sob maior proteção". Pelo menos 70 postos de controle foram erguidos em várias áreas.

O número exato de mortos é desconhecido, mas fala-se em centenas. Ao tentar contato com moradores de Almaty, a reportagem foi informada de que as autoridades impuseram um bloqueio total à internet. Segundo a agência de notícias France-Presse, pequenos mercados reabriram suas portas, ainda que as prateleiras estivessem praticamente vazias. Era difícil encontrar até mesmo produtos básicos.

Especialista em Ásia Central pelo Foreign Policy Research Institute (em Londres), o alemão Maximilian Hess classificou como "chocante" a decisão do presidente cazaque de autorizar disparos letais. "Essa decisão está enraizada na percepção equivocada de que todos os cidadãos que protestam são vândalos e terroristas. A adoção dessa linhadura por Tokayev é chocante. Ao levarmos em conta o apelo pelas forças de segurança russas, isso se torna ainda mais desestabilizador", afirmou ao **Correio**.

Hess vê surpresa no fato de que os protestos se transformaram em manifestação nacional de raiva. "Houve um crescente descontentamento com a estagnação econômica e a transição de poder administrada pelo ex-presidente Nursultan Nazarbaev, em março de 2019, o qual permaneceu no centro de uma elite cleptocrática. No entanto, o que provocou a escalada tão rápida dos protestos no Cazaquistão segue uma incógnita."

De acordo com o estudioso, Putin trabalhou muito bem com Nazarbaev. "Além disso, ainda há uma sobreposição entre os oligarcas russos e cazaques. Timur Kulibayev, genro bilionário de Nazarbaev, faz parte da diretoria da Gazprom (maior empresa de energia da Rússia). Não acho que os oficiais russos teriam previsto que estariam em Almaty agora. Se o Kremlin procurar sustentar o sistema que Nazabaev construiu, então, será muito duro para os russos irem embora", comentou Hess.

Dmitry Peskov, porta-voz do Kremlin, contou que o presidente Vladimir Putin e Tokayev conversaram em várias ocasiões, nos últimos dias, sobre "a situação no Afeganistão e ações conjuntas no âmbito da CSTO" — a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, liderada pela Rússia. O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, alertou as autoridades de Nursultan (antiga Astana) que terão dificuldade para que as tropas russas abandonem o território cazaque.

Alexandr Bogdabnov/AFP



Moradores de Almaty passam por sangue em um gramado junto ao meio-fio: violência incontrolável

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Ao contrário do que o presidente Kassym-Jomart Tokayev disse, não existe evidência de influência externa nos protestos. As manifestações começaram no oeste o país, foco de notáveis protestos anteriores incitados pela economia — fonte da riqueza econômica do Cazaquistão. O país é relativamente subdesenvolvido, e os salários são baixos. Protestos em torno de uma lei de reforma agrária, em 2016, e das eleições, em 2019, mostraram que uma insatisfação nacional poderia surgir. Não temos visto violência como esta no Cazaquistão desde a era soviética. Com os bloqueios à internet, é muito difícil e quase impossível dizer exatamente o que motivou o agravamento em vários locais."

Maximilian Hess, especialista em Ásia Central pelo Foreign Policy Research Institute (em Londres)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

América Latina ativa "modo on"

Buenos Aires sediou, na quinta e sexta-feira, em uma quase "semiclandestinidade" quanto à cobertura do noticiário, um encontro de cúpula destinado a relançar a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac). Fundada no fim de 2011, como uma espécie de contraponto à Organização dos Estados Americanos (OEA), criada e hegemonizada pelos EUA, a organização sofreu os baques seguidos do desligamento do Brasil, sob o governo Bolsonaro, e da pandemia, que obrigou o presidente Andrés Manuel Lopez Obrador a estender por mais um ano o comando rotativo mexicano.

No Palácio San Martín, sede da chancelaria argentina, o ministro Santiago Cafiero recebeu os colegas dos demais 30 países que se dispuseram a comparecer presencialmente — os demais participaram por videoconferência. Em operação costurada desde setembro por AMLO, como é conhecido o presidente mexicano, pelas iniciais do nome, a presidência rotativa foi passada ao argentino Alberto Fernández, para o período 2022-2023.

O relançamento da Celac se faz na expectativa pelos resultados das eleições presidenciais em dois países onde se desenha a possibilidade de um reforço estratégico para a esquerda latino-americana. Em maio será a vez da Colômbia, onde o ex-guerrilheiro Gustavo Petro se perfila como opção para brecar a reeleição do direitista Iván Duque. Em outubro, será a vez de Lula confirmar o atual favoritismo nas pesquisas contra Jair Bolsonaro, ou mesmo contra o ex-juiz Sergio Moro, que procura espaço para crescer como candidato da chamada "terceira via".

Paso doble

Na ausência do Brasil, que concentra no Mercosul a atuação no cenário regional, a Argentina de Fernández trata de ocupar o vácuo aberto em especial na vizinhança sul-americana. À espera do possível retorno de Lula ao Planalto, o presidente argentino aposta as fichas na diplomacia como parte da recuperação do terreno político perdido, no ano passado, com a derrota sofrida nas eleições legislativas.

A direção rotativa da Celac se soma à presidência, também temporária, do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas. Assim, em dois passos costurados com a elegância atrevida do tango, a Casa Rosada se cacifa para jogar papel essencial em processos como a difícil ratificação do acordo comercial entre Mercosul e União Europeia.

Samba paulistano

No que diz respeito ao Brasil, para a vizinhança sul-americana e para a integração regional mais ampla, o desfecho da eleição de outubro pode abrir caminho não apenas para o retorno à Celac do país com maior peso específico — tanto econômico quanto político-diplomático. Se fizer a nova inscrição, como o boêmio da seresta, o país voltará pelas mãos de um dos principais artífices da organização.

Foi ainda em 2008, na metade do segundo mandato como presidente, que Lula reuniu na Costa do Sauípe, no litoral da Bahia, a I Cúpula de Estados Latino-Americanos e do Caribe. Lá, em parceria com o líder bolivariano da Venezuela, Hugo Chávez, e com o cubano Raúl Castro, irmão e sucessor de Fidel, articulou a criação de um mecanismo regional alternativo à OEA. Com o reforço da argentina Cristina Kirchner e do equatoriano Rafael Correa, a Celac foi lançada em nova cúpula, no México, em 2010, e formalmente estabelecida em Caracas, no ano seguinte.

Caso conquiste o terceiro mandato no Planalto, o ex-líder sindical poderá entrar em 2023 recordando o refrão de um velho samba de Adoniran Barbosa, muito popular no ABC paulista: "Ói nóis aqui traveis".

Tem que rezar

Seja qual for o resultado das urnas, o Itamaraty acompanha de perto, neste ano, o desfecho de outro processo político de importância capital em um país onde o protagonismo assumido nas últimas décadas tornou o Brasil um parceiro externo fundamental. Há dois anos sem um Parlamento em funções, o Haiti é governado desde julho pelo primeiro-ministro Ariel Henry, que assumiu o comando após o assassinato do presidente Jovenel Moise, em julho último.

Henry, que procura articular uma comissão encarregada de organizar eleições legislativas ainda em 2022, foi ele próprio alvo de atentado no dia de ano-novo, em Gonaives, onde participava de uma comemoração pela independência — conquistada em 1804, fruto de uma rebelião de escravizados, feito inédito e pioneiro nas Américas.

Desde que aceitou chefiar a Missão de Estabilização das Nações Unidas para o Haiti (Minustah), em 2004, após o golpe militar que depôs o presidente Jean-Bertrand Aristide, o Brasil se envolveu diretamente com a instabilidade política crônica da ilha caribenha, um dos países mais pobres do mundo. Hoje, abriga mais de 100 mil imigrantes haitianos e, até por isso, tem interesse próprio na pacificação.